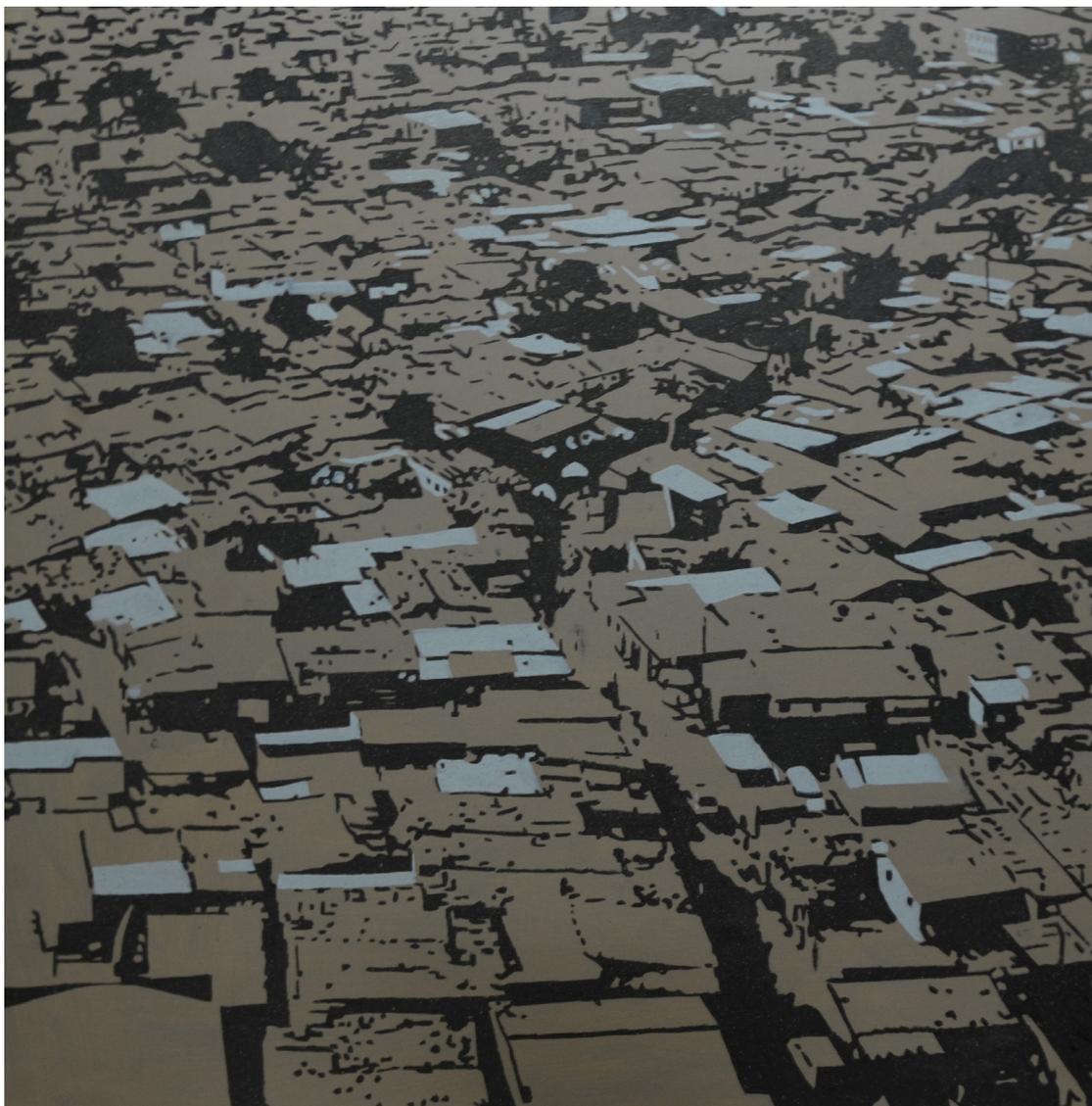




FILHOS DE IMPÉRIO E PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS
CHILDREN OF EMPIRES AND EUROPEAN POSTMEMORIES
ENFANTS D'EMPIRES ET POSTMÉMOIRES EUROPÉENNES

Sábado, 15 de fevereiro de 2020



1

Luandscape 1 | 2018 | [Ihosvanny Cisneros](#) (cortesia do artista e da galeria MOVART)

REVIVER A GUERRA DO PAI: O FIM DA VIOLÊNCIA?

[Felipe Cammaert](#)

Nas obras literárias da pós-memória, a figura do pai ausente é recorrente quando se quer abordar a questão da persistência do trauma pós-colonial nas gerações seguintes. Em Portugal, o romance *Estranha Guerra de Uso Comum*, de Paulo Faria, constitui talvez o exemplo mais significativo deste [diálogo post-mortem](#) à volta de um inquérito sobre a transmissão da experiência da guerra do pai para o filho. Contudo, neste conjunto de obras, há alguns casos em que o filho decide, através da escrita, reviver o passado traumático do pai desde o interior, num enredo que descreve com pormenores o tempo dos combates do progenitor. Nestes casos, o narrador privilegia os cenários do passado bélico para contar a guerra do pai como se ele estivesse no seu lugar.

O recente livro do escritor francês Thierry Crouzet, *Mon père, ce tueur* é um exemplo revelador da maneira como o universo da ficção se transforma no palco do conflito colonial na visão do herdeiro. O pai de Crouzet, chamado Jim no romance, combateu na guerra de Argélia pelo exército francês, na sua condição de “*appelé*”. Até a morte do pai, Thierry Crouzet tinha escrito livros de literatura policial, romances eróticos e outros relatos diversos de divulgação científica e cultural. Mas, perante a envolvente presença do passado de Jim na Argélia, Crouzet decidiu levar a cabo uma pesquisa documental baseada em objectos de memória e documentos diversos (apontamentos e fotografias do pai, websites dos antigos combatentes, livros de história) com o objectivo de reconstituir uma história até então silenciada. “Com a sua morte, Jim deu-me o direito de me lembrar” (p. 21), diz o narrador, autobiograficamente identificado com o autor (1).

A carta não lida: a caixa de Pandora da violência

Antes de morrer, Jim deixou ao filho “uma carta de assassino” (p. 11), que o narrador não se atreverá a abrir ao longo do romance. Esta será, pois, uma carta não lida, ou pelo menos não lida enquanto o romance se escreve (e se lê), num efeito romanescos clássico. A carta constitui ao mesmo tempo o ponto de ruptura com o passado e a justificação do exercício catártico do filho:

Ainda hoje ao mesmo tempo que a minha memória se reergue, continuo incapaz de abrir a carta de Jim [...] Se eu não tiver cuidado, esta violência do Jim, esta violência que tenho em mim, poderá vir a moldar os meus filhos no mesmo inglório sentido. Tenho de romper com a identidade familiar. Reconstruir. (p. 26)

A escrita anuncia-se como a maneira de terminar com o passado de violência que identifica o pai falecido, como uma tentativa de travar a transmissão dessa violência nascida no contexto da guerra



colonial. Deste modo, em vez de abrir a carta, o narrador prefere (re)escrever a experiência em Argélia de Jim, isto é, recriar o passado pela ficção: “Devo voltar até as origens da violência” (p. 49) afirma, como se fosse a personagem de Conrad a percorrer o rio Congo à procura do coração das trevas.

O romance aborda também o receio de a carta transmitir o carácter violento de Jim, o medo quanto à “vontade de Jim de fazer de mim o seu sucessor, como ele próprio sucedeu ao seu pai” (p. 91). Se, por um lado, a carta parece conter nela a essência do trauma associado à guerra de Argélia, por outro, a escrita da história do pai afigura-se como uma tentativa de reconstrução da identidade por parte do filho do império colonial francês. Noutras palavras, a carta é a caixa de Pandora de uma violência colonial que o filho quer não só compreender, mas sobretudo impedir a sua transmissão para ele e para os seus herdeiros.

Escrever a violência: suprir o pai na ficção

Quando a narrativa descreve o momento em que o pai é confrontado, na fronteira entre Argélia e Marrocos, com o acto de matar, o filho tenta uma identificação: “no entanto, devo colocar-me no lugar de Jim, sentir o abalo que atravessou o seu espírito e o seu corpo [...] «Sou um assassino, posso recomeçar, mudei de nome, sou Jim»” (p. 130). O livro de Crouzet apresenta um exemplo muito significativo da “passagem de testemunho” (Coquio), em que o desejo de encarnação da testemunha directa pelo herdeiro materializa-se no espaço da escrita, o qual é o lugar de confluência entre o pai e o filho, nesta busca das origens da violência: “Só agora que já cá não está posso aproximar-me dele. Então estou na carrinha GMC com os seus colegas. Parto com eles eles” (p. 136), pode ler-se (2).

Ora, esta tentativa de apropriação da memória do pai revela-se parcialmente falida para o narrador de *Mon père, ce tueur*: “Eu não soube chegar a ele, mas ele também não renunciou ao seu papel de Jim para vir ao meu encontro. [...] Eu era apenas eu, ele tinha-se tornado Jim”(p. 131). Porém, a impossibilidade de suprir a figura do pai falecido através da escrita não implica a interrupção total da transmissão do passado. No mesmo momento da identificação transitória entre pai e filho, este último confessa ter herdado, *malgré lui*, a violência do pai (mas, também, a da mãe), e conclui: “Eu direcionei esse fluxo para a escrita. Nela, tento aprisionar o monstro que procura escapar da sua jaula” (p. 133).

Num dos excertos mais lúcidos do romance, o narrador de Crouzet reflecte sobre o poder da escrita como elemento central de uma catarse individual:



REVIVER A GUERRA DO PAI:
O FIM DA VIOLÊNCIA?

Quando me iniciou na caça, Jim tentou oferecer-me a sua solução para que eu contivesse a minha violência congénita. Eu não segui a sua medicação, e adotei uma outra: a escrita. Se a maioria dos autores inicia a sua carreira acertando contas com o passado, eu escrevi para negar esse passado, falei de tudo, exceto das minhas más experiências. Escrevia para sobreviver, para enterrar o monstro que tinha dentro de mim. Lutei durante trinta anos para finalmente ousar escrever sobre o meu pai. (p. 186)

A escrita do trauma considerada como uma terapia é um tema omnipresente na literatura da guerra (lembramos, para não ir mais longe, os primeiros livros de António Lobo Antunes). No entanto, neste caso a catarse se produz ao nível do herdeiro, “testemunha da testemunha” da experiência traumática, graças às possibilidades da ficção.

Vista pelo prisma da pós-memória, a escrita faz irrupção, no livro de Crouzet, como uma outra forma de violência que poderia chegar a perpetuar, numa óptica diferente, a transmissão do trauma colonial. As últimas palavras do livro parecem conter a demonstração quanto à impossibilidade, para o filho, de apagar completamente a memória da violência associada ao pai:

Levei a cabo este trabalho de memória para romper com a minha herança, e nada mais faço que fortalecê-la. Em vez de a amaldiçoar, celebro-a, e quanto mais me arrepio, mais me deleito com as nossas deslumbrantes perspectivas. Deve haver em nós um poderoso fundo de perversão. (p. 214)

(1) Thierry Crouzet, *Mon père, ce tueur (O Meu Pai, aquele Assassino)*, Paris, La Manufacture des Livres, 2019. As traduções das citações do romance são minhas.

(2) Aliás, esta questão da titularidade da experiência nas obras literárias da pós-memória é também desenvolvida por Paulo Faria, como já tive a oportunidade de o comentar [aqui](#).

Felipe Cammaert é investigador do Projecto *MEMOIRS - Filhos do Império e Pós-Memórias Europeias* (ERC Consolidator Grant, n.º 648624) no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. É também tradutor do francês e do português de autores contemporâneos para a América Latina.

ISSN 2184-2566

MEMOIRS é financiado pelo Conselho Europeu de Investigação (ERC) no âmbito do Programa-Quadro Comunitário de Investigação & Inovação Horizonte 2020 da União Europeia (n.º 648624) e está sediado no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.

